

CIDADÃO MURDOCH

MÍDIA Depois de comprar o *Wall Street Journal*, o magnata australiano quer mais

POR LÚZANTONIO CINTRA

Publicada em 1791, a primeira leniendada Constituição norte-americana, que estabelece a liberdade de imprensa como pilar irremovível da democracia, nunca esteve tão a perigo. O lobby pesado dos grandes grupos, encabeçado pelo magnata australiano Rupert Murdoch, tem investido todas as suas forças - e milhões de dólares - para ampliar a concentração na mídia. Caso tudo corra bem para Murdoch, como, aliás, tem corrido nos últimos anos, em breve ele poderá comemorar sua quinta aquisição apenas na cidade de Nova York, a despeito da legislação existente que tenta limitar o monopólio no setor.

O *Newsday* será o segundo tablóide de Murdoch no mercado novaiorquino - o primeiro, o *New York Post*, foi comprado há três décadas e hoje dá seguidos prejuízos, principal motivo para Murdoch querer comprar o concorrente e assim reduzir os custos. Além do *Post*, o empresário conta com dois canais de tevê e, desde o final do ano passado, com o diário de economia e negócios *The Wall Street Journal*, o segundo maior dos EUA, atrás do *USA Today*, com tiragem diária de 2 milhões de exemplares.

Com um amplo leque de interesses empresariais, Murdoch presi-

de a News Corp., um conglomerado cujo valor de mercado é de 55 bilhões de dólares, com investimentos em mídia impressa, canais de tevê aberta, a cabo e via satélite, editoras de livros e cinema. Empresas de presença internacional são de sua propriedade: os canais de tevê Fox, a editora HarperCollins, o diário londrino *The Times*, além de dezenas de jornais e emissoras de menor porte.

Seus 53 mil funcionários atuam na Austrália, onde Murdoch iniciou seu império nos anos 60 com um jornal de circulação nacional, mas também no Rei-

no Unido, EUA, Europa continental e Ásia. Nos últimos cinco anos, sempre em linha com os interesses bélicos da Casa Branca de George W. Bush, assistiu ao crescimento do valor das ações do grupo, em mais de 50%, colocando sua empresa no mesmo patamar da Walt Disney Company. Entre seus auxiliares, o ex-primeiro-ministro espanhol José Maria Aznar, desde 2006 um dos diretores da News Corp.

Contando com licenças provisórias concedidas pela Comissão Federal de Comunicações (FCC, na sigla em inglês), encarregada de regular a atuação dos canais de tevê e rádios nos EUA, Murdoch terá de submeter a compra do *Newsday* à apreciação das autoridades norte-americanas. "A compra do *Newsday* tornará viável o *New York Post* e dará a ele um futuro muito mais seguro", afirmou o empresário.

Tido como referência mundial em termos de qualidade editorial, o *Wall Street Journal* ganhou manchetes mundo afora na semana passada justamente por conta do estilo Murdoch. Como previam muitos críticos de seu modo de lidar com a linha editorial dos veículos de comunicação, o empresário australiano deixou claro que ali apenas ele poderá ostentar o adjetivo independente. "Agora que a transição societária terminou, acredito que os novos donos devam ter um editor de sua escolha", afirmou o jornalista Marcus Brauchli, há um ano na função de editor-executivo, ainda remanescente do período em que o jornal pertencia à família Bancroft. Brauchli será substituído, ao que tudo indica, por Robert Thomson, ex-editor do *Times* de Londres e braço direito de Murdoch.

Ao sair de seu cargo, mas não do grupo, Brauchli afirmou que os novos donos aderiram "rigorosamente" ao código de conduta acertado entre as

SEM LIMITES. Na mira do empresário, o tablóide *Newsday*





A VOZ DO DONO.

O empresário deixou claro quem manda no jornal

Na avaliação do advogado Schwartzman, o lobby das gigantes da mídia no Congresso dos EUA é o principal responsável pela paulatina flexibilização das regras, sempre a favor do interesse dos grandes grupos. "O lobby da mídia é poderoso, mas acho possível que haja uma reação, no sentido contrário. O senador Barack Obama expressou recentemente o interesse em limitar a ação desse lobby. Caso seja eleito, podemos esperar algum tipo de ação nesse sentido", afirma o advogado.

Schwartzman considera que processo se-

melhante tem ocorrido na mídia impressa norte-americana, com a gradual redução no cardápio de opções oferecido aos leitores. Nesse caso, entretanto, dificilmente haverá uma mudança de marco legal, diz o advogado, na direção de garantir a independência editorial e a pluralidade dos jornais e revistas, por conta da primeira emenda constitucional.

Ainda que os ventos soprem a favor de Murdoch, na quinta-feira 24, os senadores norte-americanos esboçaram uma reação. Uma comissão de 25 congressistas rejeitou as novas regras estabelecidas pelo FCC no final de 2007. Menos restritivas que as anteriores, permitiram que um mesmo grupo possuísse canais de tevê e jornais em um mesmo mercado, desde que a cidade esteja em uma das 20 maiores áreas metropolitanas do país. A decisão dos senadores, motivada pela intenção de Murdoch de comprar o *Newsday*, ainda irá a plenário, onde é grande a chance de ser aprovada.

Vencida a batalha no Congresso, a resolução dos senadores terá de se entender com - sempre ele - Bush júnior, que já anunciou firme disposição de votar a resolução do Senado. ■

partes no momento em que o negócio foi fechado, como medida de segurança para os jornalistas.

Para não deixar dúvidas de quem manda no pedaço, Murdoch tratou de assinar, na terça-feira 22, um editorial no jornal, defendendo um acordo de livre comércio entre os EUA e a Colômbia, fiel parceira da administração Bush na América do Sul.

O lance ousado de Murdoch ao comprar o *Journal* e a tendência de declínio dos jornais ante a concorrência da internet começam a mostrar seus efeitos. Nos últimos dias, ganharam força os boatos a respeito da iminente venda do *New York Times*.

Diante da queda de 20% de suas ações no ano passado e da nova orientação do *Wall Street Journal* no sentido de ampliar sua cobertura para além das finanças e da economia, analistas consideram bem provável que os acionistas do Times estejam cogitando a venda. Oficialmente, contudo, os proprietários negam tal possibilidade, assim como o

fez Michael Bloomberg, fundador do grupo de mídia que leva seu sobrenome, mencionado como possível interessado na aquisição.

Ainda que os boatos sejam infundados, é inegável que a mídia norte-americana entrou nos últimos anos em um acelerado processo de concentração, com inequívoca perda de qualidade da

informação. Prova disso foram os primeiros anos após os atentados de 11 de setembro, quando os principais veículos do país, incluindo o *New York Times*, embarcaram no discurso oficial em torno da existência de armas de destruição em massa no Iraque de Saddam Hussein.

"A consolidação da mídia tem servido para inibir o debate democrático. Há menos discussão sobre alguns temas e menos diversidade de pontos de vista nos canais de tevê", afirmou à *CartaCapital* o advogado Andrew Schwartzman, presidente da ONG Media Access Project, baseada em Washington e há 35 anos na defesa da liberdade de expressão.

A consolidação da mídia tem inibido o debate democrático, diz um analista independente